DOI: Sob responsabilidade da E&F

A ATUAÇÃO DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM ESTUDO DE CASO EM UMA APAE SUL-MATO-GROSSENSE

EL PAPEL DEL DOCENTE EN LA EDUCACIÓN ESPECIAL: UN ESTUDIO DE CASO EN UNA APAE DEL SUR DE MATO GROSSO

THE ROLE OF THE MALE TEACHER IN SPECIAL EDUCATION: A CASE STUDY IN AN APAE SUL-MATO-GROSSENS

Kauany Nunes KLASSEN
ORCID: 0009-0005-1831-2162

Jakellinny Gonçalves de SOUZA
ORCID: 0000-0002-1721-5572

Josiane Peres GONÇALVES
ORCID: 0000-0002-7005-849X

RESUMO: A presente pesquisa objetivou compreender como se dá a atuação do professor homem na Educação Especial, uma modalidade que demanda cuidados específicos e, que socialmente são atribuídos às mulheres, especialmente no que diz respeito ao binômio cuidar e educar. O estudo é de natureza qualitativa, o instrumento de coleta de dados foi um questionário on-line. Os sujeitos da investigação são dois professores homens que atuam na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de uma cidade do interior do Estado Mato Grosso do Sul. Os resultados obtidos nesta pesquisa foram inéditos se comparados a pesquisas anteriores, pois observou-se que, indicam que o ingresso de homens na Educação Especial perpassa pela superação de preconceitos e estranhamentos. Desta forma, considera-se que se inicia uma força capaz de romper com os paradigmas de discriminação de gênero no contexto educacional.
Palavras-chave: Gênero. Educação Especial. Preconceito.

RESUMEN: Esta investigación busca comprender el rol del profesorado masculino en Educación Especial, disciplina que exige cuidados específicos y que socialmente se atribuye a las mujeres, especialmente en lo que respecta al binomio cuidador. Se trata de un estudio cualitativo, cuyo instrumento de recolección de datos fue un cuestionario en línea. Los sujetos de la investigación fueron dos docentes que trabajan en la Asociación de Padres y Amigos de Necesidades Especiales (APAE) de una ciudad del interior del estado de Mato Grosso do Sul. Los resultados obtenidos en esta investigación fueron inéditos en comparación con estudios previos, ya que indicaron que la incorporación de los hombres a la Educación Especial implica la superación de prejuicios y el distanciamiento. Por lo tanto, se considera que está emergiendo una fuerza capaz de romper paradigmas de discriminación de género en el contexto educativo.
Palabras clave: Género. Educación Especial. Prejuicio.

ABSTRACT: This research aims to understand the role of male teachers in Special Education, a discipline that demands specific care and is socially attributed to women, especially regarding the caring binomial. This is a qualitative study, and the data collection instrument was an online questionnaire. The research subjects were two male teachers who work at the Association of Parents and Friends of Special Needs (APAE) in a city in the interior of Mato Grosso do Sul state. The results obtained in this research were unprecedented compared to previous studies, as they indicated that the entry of men into Special Education involves overcoming prejudices and estrangement. Thus, it is considered that a force is emerging capable of breaking paradigms of gender discrimination in the educational context.
Keywords: Gender. Special Education. Prejudice.

Introdução

(cc) BY-NC-SA

Atualmente há uma gama de pesquisadores que se debruçaram em compreender a atuação dos docentes masculinos na Educação Infantil e Ensino Fundamental, como Gonçalves e Faria (2015) e Monteiro e Altmann (2014). No entanto, essas pesquisas são voltadas para o ensino regular, e com crianças e alunos que não possuem necessidades especiais. Daí surge a necessidade de compreender a referida temática na modalidade da Educação Especial, pois tal área possui demanda específica, visto que, além dos professores terem que se ocupar com as práticas pedagógicas, também precisam exercer papéis relacionados à práticas de higiene; e como pesquisadores como Gonçalves e Faria (2015) constataram, essas práticas não são vistas de forma positiva quando realizadas por um professor homem. Sendo assim, nota-se a necessidade de compreender como essa problemática ocorre no lócus da pesquisa, ou seja, a APAE, que é caracterizada como uma organização que busca o desenvolvimento integral de indivíduos com deficiências. Além disso, fornece serviços educacionais, sendo assim, necessita do profissional adequado na área, demandando assim, a presença do professor.

Antes de apresentar a discussão sobre o assunto principal, é necessário fazer um apanhado histórico, para compreendermos o atual contexto. Será que os homens sempre foram vítimas de preconceito por atuarem como docentes? Será que o magistério sempre foi majoritariamente feminino? No Brasil, a educação formal sempre foi responsabilidade das mulheres? Essas são questões importantes e necessárias para entendermos as relações de gênero que permeiam a educação atualmente.

De acordo com Nascimento (2022), a colonização do Brasil foi o estopim para a primeira organização educacional brasileira. Inicialmente, a educação formal no Brasil foi designada aos Jesuítas, que chegaram a terras brasileiras no ano de 1549, na Bahia. Trata-se de uma Ordem religiosa composta por padres pertencentes à Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola. Os Padres Jesuítas possuíam dois alicerces de sua intervenção, sendo esses a catequese e a educação. “Com o passar do tempo, a Companhia de Jesus se mostrou uma das ordens religiosas mais detentoras da educação privada e dos estudos de Filosofia e Teologia, não somente no Brasil, mas em várias partes do mundo” (Nascimento, 2022, p. 14). Sendo assim, observa-se que a Educação no Brasil era composta por um professorado majoritariamente masculino.

Embora a educação formal no Brasil tenha se iniciado com docentes do gênero masculino, atualmente os homens que resolvem embarcar nessa área acabam sofrendo muitos

(cc) BY-NC-SA

preconceitos, principalmente na docência da Educação Infantil e Ensino Fundamental, dificultando a entrada desses educadores no mercado de trabalho.

No Ensino Fundamental, nas pesquisas de Gonçalves, Dias e Souza (2017), alguns pais foram questionados acerca da atuação de professores homens no ensino fundamental, e um número considerável de pais afirmou a natureza agressiva e impulsiva dos homens. Inclusive, que eles podem ser melhores para "controlar a disciplina da sala de aula", pois os alunos os respeitam mais por serem homens. De acordo com Pessoa e Gonçalves (2020), outro grande receio encontrado é acerca do contato de professores com alunas, visto que infelizmente a pedofilia é uma realidade na sociedade. Sobre isso, Ferreira (2020), postulou em sua dissertação de mestrado sobre suas experiências enquanto docente do Ensino Fundamental. Retratou que na maioria das vezes era direcionado para as turmas com crianças maiores, a partir do 4º ano, ou quando lhe atribuíam classes do 2º ou 3º ano, sempre faziam reconfigurações na turma, de modo que em sua turma ficassem os alunos indisciplinados e com dificuldades de aprendizagem. Em uma de suas experiências, sua turma possuía apenas duas meninas, dessa forma, os membros da classe eram, em sua maioria meninos.

Quando se trata da Educação Infantil os preconceitos sofridos pelos docentes do gênero masculino, são relacionados ao binômio cuidar e educar. Essa etapa é reconhecida como a primeira fase da educação básica, sendo um direito de todas as crianças e obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos de idade (Brasil, 2017). Seu principal objetivo é o desenvolvimento integral dos indivíduos, complementando a família e sociedade (Brasil, 1996). No entanto, a Educação Infantil teve sua origem no século XIX, pelo pedagogo Friedrich Fröebel, criador dos Jardins de Infância (Viegas; Ferreira, 2020, p. 2), que acreditava que as mulheres eram ideais para trabalhar nessas instituições, visto que o pedagogo acreditava que o gênero feminino "é naturalmente dotado de todos os pré-requisitos necessários para a realização da educação segundo os princípios da pedagogia froebeliana" (Kendzierski; Pietrobom, 2012, p. 5). E isso não somente na área da educação. Pesquisas mostram que na área da saúde, as mulheres atuam principalmente na área da enfermagem, que zela principalmente pelos cuidados e higiene dos enfermos, enquanto na categoria de médicos, as mulheres exercem menor representatividade (Moraes; Cavalcanti, 2022, p.56).

Na Educação Infantil, os docentes do gênero masculino sofrem outros tipos de preconceitos, dessa vez, relacionados ao cuidado de crianças e às atividades relacionadas à higiene. Sobre isso, pesquisadoras como Gonçalves, Ferreira e Capristo (2018), confirmam tal

(cc) BY-NC-SA

afirmação ao pesquisarem sobre a atuação de professores na Educação Infantil, e se depararem com um cenário onde os homens eram responsáveis por atividades relacionadas ao pedagógico, ficando excluídos de atividades relacionadas ao cuidado e higiene de crianças pequenas. Desse modo, essas atividades ficavam à cargo de professoras auxiliares do sexo feminino. Para Monteiro e Altmann (2014, p.4) "isso ocorre porque, a educação de crianças pequenas é associada ao âmbito do trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo, dessa forma, naturalizada como área de atuação feminina".

Tal estereótipo pode ter relação com a divisão sexual do trabalho, que tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (Hirata; Kergoat, 2007, p. 599).

Essa conclusão se solidifica ainda mais ao observarmos a pesquisa realizada por Bezerra e Cordeiro (2022), na qual foi realizada uma entrevista com dois docentes do gênero masculino que atuam na Educação Infantil. Se constatou que o professor que atua no maternal sofre muito mais preconceito que o outro que atua na pré-escola. Isso se dá pelo fato de que nas creches, as atividades relacionadas à higiene e ao cuidado estão muito mais presentes do que na pré-escola.

Araújo e Hammes (2012, p.7), trazem alguns fatores que buscam explicar essa carência, entre eles: "ao medo em relação à pedofilia, ao homossexualismo, a visão de que ensinar e cuidar é uma tarefa feminina, ou que existem profissões mais adequadas para o gênero masculino".

Sobre a atuação de docentes do gênero masculino na Educação Especial, Pessoa e Gonçalves (2020), realizaram uma pesquisa, e puderam comprovar que o cenário é semelhante ao da Educação Infantil. Essa pesquisa demonstrou que as mães ficam aflitas ao terem homens realizando práticas relacionadas ao cuidado e higiene. Isso tem como consequência, uma generalização e naturalização das características que são compreendidas culturalmente pela sociedade sobre o que é masculino e feminino baseado no fator biológico do indivíduo.

Essa afirmação já nos remete à outra premissa importantíssima para compreendermos o contexto atual: a Feminização do Magistério. Como afirmado anteriormente, o magistério era uma função masculina. Mas com o tempo essas configurações foram se modificando a partir do século XIX. Isso ocorreu porque durante esse período, começou a haver a

Rev. Educação e Fronteiras, Dourados, v. 15, n. 01, e24047, 2025. e-ISSN:2237-258
(cc) BY-NC-SA

desvalorização da docência, e com isso, os salários baixos, fazendo com que os homens começassem a abandonar a profissão de docente. Diante dessa ausência do professorado, as mulheres ingressam no mercado de trabalho através da docência, que a partir daí começa a requerer docentes que estariam dispostas a pagar o preço da sujeição a condições desfavoráveis de trabalho (Ataide; Nunes, 2016, p. 173). A partir desse contexto se iniciou a Feminização do Magistério, que aproximou a forma como as mulheres e homens são inseridos na educação atualmente.

De acordo com os dados do Censo Escolar 2022, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC), na etapa da Educação Infantil as mulheres ocupam quase que a totalidade dos cargos, ocupando 97,2%, nas creches e 94,2%, na pré-escola. No ensino fundamental, as mulheres são 77,5% dos 1,4 milhão de docentes. E em relação ao ensino médio, elas ocupam 57,5% do professorado (Brasil, 2023, p. 1).

Diante do exposto, observa-se que atualmente os cargos que necessitam do binômio cuidar e educar, são exercidos majoritariamente por mulheres, sejam em áreas na educação ou em outros setores da sociedade.

Levando em consideração, que na APAE, muitos alunos necessitam de cuidados especiais, devido suas limitações em decorrência da deficiência que a pessoa vivencia. De acordo com Pessoa e Gonçalves (2020), essas necessidades, vão desde o simples cuidado para promover a acessibilidade e equidade no ensino, até a realização de práticas de higiene para os que possuem mobilidade limitada, evidenciando assim a predominância do binômio cuidar e educar nas instituições que atendem alunos com deficiência.

Sendo assim, diante dos assuntos expostos sobre divisão sexual do trabalho, feminização do magistério, e das pesquisas que retratam os preconceitos sofridos por docentes do gênero masculino que trabalham com crianças, o presente trabalho tem como objeto de estudo a temática que envolve a atuação de professores do gênero masculino na Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE). Qual visa identificar as percepções da comunidade, principalmente, às experiências dos docentes do sexo masculino que exercem função em uma APAE sul-mato-grossense.

Embora a sociedade esteja em constante mudança, se apropriando de elementos tecnológicos, econômicos e culturais, ainda existem situações pré-definidas que não são discutidas com tanta frequência. Por mais que a temática que envolve gênero e sexualidade na

(cc) BY-NC-SA

Educação já possua espaço legitimado e vêm sendo fonte de pesquisa para diversos pesquisadores, no que se refere à atuação de indivíduos do gênero masculino na Educação Especial, ainda há poucos estudos e conclusões acerca desse assunto. E por esse motivo, tal estudo se justifica como relevante, pois, o objetivo é compreender o cerne dessa problemática, que ainda não é discutida com tanta profundidade. Como eles são vistos pela comunidade escolar? Será que sentem diferença com relação ao trabalho desempenhado pelas docentes do gênero feminino? Essas são algumas das questões que buscamos responder no decorrer deste trabalho. Além disso, objetivou-se contribuir com algumas experiências vivenciadas pelos docentes entrevistados.

Metodologia

Acerca dos procedimentos metodológicos utilizados para a realização dessa pesquisa, primeiramente, realizou-se um levantamento bibliográfico a fim de aprimorar e atualizar os dados e conhecimentos produtos de outras investigações científicas acerca da temática. É um tipo de pesquisa que está fortemente presente no meio acadêmico, cujo objetivo é o aprimoramento e atualização do conhecimento, por meio de uma investigação científica de obras já publicadas (De Sousa; Oliveira; Alves, 2021). De acordo com Pizzani *et al* (2012, p.54), trata-se da revisão da literatura sobre as principais fontes que norteiam o trabalho científico, podendo ser livros, periódicos, artigos de jornais, sites de internet, entre outras fontes, nesse caso, especialmente pesquisas relacionadas à atuação de docentes do gênero masculino na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Caracteriza-se a presente pesquisa como qualitativa, "que ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes" (Godoy, 1995, p. 21). De acordo com Neves (1996), "dela, faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação do objeto de estudo." É comum que o pesquisador busque entender o centro do problema em questão, por meio do ponto de vista dos participantes que estão envolvidos na situação estudada (Neves, 1996, p.1).

O instrumento de coleta de dados adotado foi o "questionário online", devido a incompatibilidade da agenda dos depoentes. De acordo com Wachelke *et al* (2014), um dos principais benefícios dessa modalidade é a facilidade ao construir uma amostra sem que o

(cc) BY-NC-SA

pesquisador precise se deslocar até o *lócus* da pesquisa, alcançando diferentes localidades. Além disso, contempla a rotina do pesquisador e dos participantes da pesquisa. “Devido ao aumento considerável da utilização da *internet* nos últimos anos, as pesquisas com o uso do ambiente virtual mostram-se como uma tendência atual para a coleta de dados, preferida pela maioria dos sujeitos dos estudos”. (Faleiros; *et al*, 2016, p.2). Além disso, contribui para a agilidade do processo de pesquisa.

O lócus da pesquisa é uma APAE, localizada em uma cidade do interior do Estado do Mato Grosso do Sul. O trabalho de campo foi realizado com dois professores homens que atuam na APAE de uma cidade sul-mato-grossense. Os mesmos foram questionados por meio do *Google Formulários;* ferramenta adotada como instrumento de coleta de dados. De acordo com Gonçalves (2001), a pesquisa de campo tem como objetivo buscar as informações diretamente com a população pesquisada, exigindo que o pesquisador esteja em contato direto com os “atores” do estudo. Com o intuito de preservar a identidade dos dois participantes da pesquisa, seus nomes foram omitidos.

Quadro 1 - Perfil dos professores que contribuíram para a coleta de dados da pesquisa

	Idade	Estado Civil	Número de filhos	Graduação	Especialização	Tempo de atuação na APAE	Área de atuação na APAE
Professor 1	42 anos	Casado	1	Educação Física	Educação Especial	Mais de 5 anos	Atua em Práticas voltadas para a Educação Física.
Professor 2	27 anos	Casado	não possui	Pedagogia	Educação Especial	3 anos	Atua como regente nas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental e EJA fase II.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Para a realização do presente estudo, foram realizadas todas as medidas éticas necessárias, o protocolo de pesquisa foi analisado e aprovado no Sistema de Comitês de Ética em Pesquisa, formado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com parecer de aprovação CAEE: 424243/2018-0. Os dados obtidos a partir das respostas do formulário foram transcritos, revisados, sistematizados, analisados e expostos na sequência.

Análise e discussão dos resultados

(cc) BY-NC-SA

Os resultados obtidos foram semelhantes para ambos os entrevistados. Os dois entrevistados afirmam que não há diferença entre as atividades desempenhadas por eles, em comparação com as atividades exercidas pelas docentes do gênero feminino. Sobre isso, o Professor 2 afirma: "Sou visto como um profissional da Educação, sem que haja críticas quanto ao gênero". Tal resposta possui um resultado inédito, se comparada com os resultados da pesquisa realizada por Pessoa e Gonçalves (2020), no qual os dados demonstraram que o cenário é semelhante ao da Educação Infantil, pois os professores ficam restritos com relação a atividades de práticas de higiene. No lócus da referida pesquisa, há pessoas específicas para realizar a troca de fraldas das crianças, sendo essa atividade incumbida para o "pessoal da limpeza".

Quanto à relação com a comunidade escolar e os pais dos alunos, os professores afirmam que tudo "ocorre bem". O Professor 2 afirma que nunca houve divergências, pois todos os diálogos são voltados ao comportamento e diálogo dos alunos. Novamente a resposta se diferencia dos dados obtidos da pesquisa realizada por Pessoa e Gonçalves (2020), em que a gestora afirma que de fato houve receptividade por parte das famílias, porém já houveram situações em que as mães estranharam o fato do professor acompanhar a criança no banheiro; outra fala da gestora que chama bastante a atenção, é que ela afirma sobre a aceitação por parte das "crianças maiores". Nota-se novamente que a atuação de professores homens no que diz respeito às crianças menores ainda não é bem aceito na sociedade, reforçando os resultados das pesquisas realizadas sobre a atuação de docentes do gênero masculino na Educação Infantil, assim como Monteiro e Altmann (2014) evidenciaram.

Um fato que chama bastante atenção, é que os professores informam que no lócus na pesquisa, há 24 professoras mulheres, enquanto há apenas 2 homens trabalhando na instituição. Isso relembra a questão da feminização do magistério, em que as mulheres ocupam a maioria dos cargos relacionados à docência. É um cenário semelhante ao do município de Naviraí, no Mato Grosso do Sul. Uma pesquisa realizada por Gonçalves e Oliveira (2016), constatou que em 10 escolas públicas do referido município, no final do ano de 2013, contabilizou-se um total de 235 professores, sendo que 207 eram mulheres e 28 homens. Sendo que entre os docentes do gênero masculino, apenas 8 eram regentes das turmas do 4º e 5º ano, enquanto o restante do professorado masculino atuava na área da educação física ou como gestores escolares. É válido recordar que entre os dois professores entrevistados neste presente estudo, o Professor 1 exerce função como docente na área da

Rev. Educação e Fronteiras, Dourados, v. 15, n. 01, e24047, 2025. e-ISSN:2237-258
(cc) BY-NC-SA

educação física; enquanto o Professor 2 atua como regente da turma do 3º ano do Ensino Fundamental e EJA fase II, em que se concentram os alunos maiores.

Outra coisa que chamou atenção foi a resposta do Professor 2 quando questionado sobre sua opinião sobre o trabalho de homens como professores de crianças/adolescentes com deficiência: "[...] além de desenvolverem o trabalho com excelência, desempenham a função de figura paterna, orientando e ajudando os alunos em todos os momentos [...]". Isso se aproxima da pesquisa de Gonçalves, Ferreira e Capristo (2018), que constatou a mesma visão vindo da gestora de um Centro de Educação Infantil; para ela, os professores eram vistos como pais, e por isso não causava estranhamento, e o professor que não era pai, ainda assim era visto como figura paterna. Inclusive, essa pesquisa buscou compreender a visão dos pais acerca da temática, e uma das mães entrevistadas, relatou: "Meu filho não tem a figura masculina em casa, então eu quero que o professor passe aquele respaldo da figura masculina, de uma pessoa, né, que vai dar uma boa educação". Isso pode ser elucidado ainda mais a partir da resposta do Professor 2, que afirma ser muito importante a presença masculina na sala de aula, porque "[...] assim como a figura materna é importante, a paterna também, pois já não possuem mais os pais e o professor homem não suprirá essa falta, mas será alguém em que o aluno poderá confiar, e sentir-se seguro[...]". De acordo com Gonçalves, Ferreira e Capristo (2018), os professores têm condições para contribuir no processo de aprendizagem das crianças, independentemente de serem pais ou não.

Quando questionado sobre as motivações que fazem um homem decidir pela Educação Especial, o Professor 2 acredita que um fator decisivo é o fato de que "[...]já tenham em mente que possam ter um dia, ou já tenham alguém da família que exige cuidados diferenciados, uma atenção maior e muito amor. Também pelo fato de olharem a realidade, da grande maioria, sofrida e com vários traumas, e sentir compaixão. Assim, atuando nessa área, podem fazer o mínimo para auxiliar e fazer a diferença na vida desses alunos [...]" nesse caso, nota-se a aproximação do relato do Professor 2, com os dados obtidos na pesquisa de Pessoa e Gonçalves (2020), em que o professor entrevistado retrata que escolheu atuar na APAE por uma questão de afeto, visto que possuía uma prima com Hidrocefalia. Essas características afetuosas, geralmente, são atribuídas ao público feminino. Recorda-se que Friedrich Fröbel, criador do Jardim de Infância, acreditava que as mulheres eram mais adequadas para serem professoras, segundo sua pedagogia. No entanto, muitos pais não atribuem essa docilidade por parte dos docentes do gênero masculino, inclusive, uma pesquisa de Gonçalves e Oliveira

(cc) BY-NC-SA

(2016), pode comprovar que os pais acreditam que o homem impõe mais respeito e autoridade, enquanto a mulher tem traços mais dóceis. Isso pode ser comprovado a partir do trecho: "[...] Eu acho assim, que daí o professor homem, acho que ele ia ficar mais, ia aprender mais, não ia ficar mais bagunçando, 'né'?"

O Professor 1 afirmou, sobre esse mesmo questionamento, que o trabalho com o alunado da APAE é fantástico, no entanto, "[...] muitos não conhecem, e acabam ficando com medo [...]". Isso pode ser relacionado com a pesquisa realizada por Santos (2021), que buscou compreender a visão das crianças acerca da presença de homens na Educação Infantil. Essa pesquisa relata que algumas crianças deixam claro que o professor Anselmo possuía mais "controle" e vigilância sobre eles/as do que a professora Vânia. Fato que pode ser relato a partir da seguinte fala: "Ah, tem o Anselmo... eu até gosto dele, mas só que tem é que ele fica bravo com as crianças, tem vezes". De acordo com a fala do professor Ancelmo, "[...] isso é algo que já vem (mais ou menos) de casa. Acho que está na nossa cultura mesmo de que é o pai que põe a ordem, impõe respeito. Já a mãe é sempre mais amorosa, mais acolhedora. E, na sala, isso é claro mesmo [...]".

Outro fato bastante inusitado foi que ambos os professores afirmaram que as famílias não demonstram preferência por professoras mulheres. No entanto, de acordo com a pesquisa de Gonçalves e Oliveira (2016), o cenário é diferente, pois dentre as mães entrevistadas, 5 delas afirmam ter preferência por professoras mulheres; isso foi justificado com base em experiências anteriores, e porquê de acordo com elas, um professor homem não pode tratar de assuntos relacionados ao corpo feminino, como a menstruação e as mudanças ocorridas no corpo durante o período da puberdade. Em meados do século XIX, a atuação de mulheres no magistério foi se tornando cada vez mais aceita e requisitada, pois se tratava da extensão do trabalho natural da mulher, ou seja, a maternidade; durante o período da Reforma Leôncio de Carvalho, a prioridade era a contratação de professoras mulheres para atuarem no Jardim de Infância (Hahner, 2010).

A partir dos dados obtidos neste trabalho, nota-se que há uma tendência maior de aceitação da atuação docente do gênero masculino; a pesquisa mostrou resultados inéditos, em que os professores do gênero masculino participantes afirmam que não há distinção entre a atuação entre os docentes do gênero masculino e feminino, e isso se diferencia da grande maioria das pesquisas apresentadas no referencial teórico deste artigo que relatam o contrário, ou seja, que ainda há um estranhamento por parte das famílias, e os homens ainda estão

(cc) BY-NC-SA

restritos de realizarem práticas de higiene.

Considerações finais

A partir dos dados obtidos na presente pesquisa, conclui-se que os objetivos iniciais foram concluídos, haja vista que as questões a serem respondidas eram com relação a atuação dos professores homens da Educação Especial na APAE de uma cidade do interior do Estado de Mato Grosso do Sul; bem como suas experiências, distinção entre suas funções em relação às professoras mulheres e percepções da comunidade.

Considera-se que a partir dos relatos, o ingresso de professores homens na Educação Especial perpassa pela superação de preconceitos e estranhamentos engessados até os dias atuais. Desta forma, percebeu-se que se inicia um movimento capaz de romper com os paradigmas de discriminação de gênero no contexto educacional, pois os professores relataram que nunca sofreram preconceitos por atuarem na área em questão.

As pesquisas citadas no referencial teórico mostraram que os preconceitos ocorrem principalmente com crianças menores que necessitam do binômio cuidar e educar. Percebe-se também que os professores homens continuam sendo vistos como figura paterna, independente de possuírem filhos ou não, como é o caso do Professor 2. Observa-se inclusive, que a visão do professor como uma figura mais rígida ainda está presente na sociedade, pois o Professor 1 relata que “muitos acabam ficando com medo, por não conhecerem”, fato este que foi apresentado no decorrer do referencial teórico.

Sobre essas questões, de acordo com o ponto de vista dos professores, eles foram bem aceitos por parte das famílias e nunca houve distinção. O que se distancia de outras pesquisas com temática semelhante, pois os professores afirmam sofrer preconceitos em relação às atividades de higiene, que acabam ficando a cargo das auxiliares do gênero feminino; a pesquisa de Pessoa e Gonçalves (2020), apresentada no referencial teórico deste artigo pôde comprovar que as mães ficam aflitas ao verem um homem realizando práticas relacionadas à higiene. Um dos fatores que corroboram para isso, é que infelizmente, a pedofilia é uma realidade na nossa sociedade, e por esse motivo as famílias não se sentem confortáveis com esse cenário. Nota-se inclusive, que por mais que haja aceitação, ainda há mais docentes do gênero feminino no lócus na pesquisa; os homens não chegam a ocupar 50% do professorado.

(cc) BY-NC-SA

Destaca-se que a temática precisa ser discutida com mais afinco, e relatar inclusive a visão das famílias sobre a atuação dos homens na APAE. Até que ponto elas consideram saudável essa aproximação, principalmente com relação às práticas de higiene. E será que os alunos se sentem confortáveis com um homem realizando essas práticas? Por exemplo, em uma entrevista citada anteriormente, uma das mães postula que tem preferência por professoras mulheres, pois para ela, não é adequado que um professor explique sobre menstruação. Se o fato de um professor falar sobre o assunto já causa estranhamento nas mães, imagine se, por exemplo, um professor tenha que lidar com uma aluna com necessidades especiais em período menstrual: uma família aceitaria ver o professor trocando o absorvente da filha? Essas questões são importantes de serem discutidas para compreendermos até que ponto a sociedade acha saudável essa aproximação e indistinção entre a atuação de docentes do gênero feminino e masculino.

Dessa forma, nota-se que ainda há muito o que ser pesquisado nessa área, principalmente a partir do ponto de vista de gestores, família, e dos próprios alunos, haja vista que eles são o público atendido.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Messias Pereira; HAMMES, Caren Cristiane. A androfobia na Educação Infantil. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 3, n. 7, p. 5 - 20, 2012. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/580/544. Acesso em: 23 mar. 2026.

ATAIDE, Patrícia Costa; NUNES, Iran de Maria Leitão. Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. **Revista Educação e Emancipação,** p. 167–188, 15 Jul 2016. Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/4984. Acesso em: 28 ago 2024.

BEZERRA, Erivaldo; CORDEIRO, Maria José de Jesus Alves. Atuação de homens na educação infantil: desafios e possibilidades da profissão docente. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 178-194, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.55028/pdres.v9i20.15254. Acesso em: 28 ago 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica. Brasília, DF, 07 mar. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-

(cc) BY-NC-SA

br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica. Acesso em: 28 ago 2024.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336. Acesso em: 28 ago 2024.

FALEIROS, Fabiana *et al*. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 25, p. e3880014, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-07072016003880014. Acesso em: 28 ago 2024.

FERREIRA, Eduardo Alberto (2020). **A voz do professor do gênero masculino na educação infantil e no Ensino Fundamental I:** um sussurro silenciado por paradigmas. Mestrado em Educação, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente. Disponível em: http://bdtd.unoeste.br:8080/tede/handle/jspui/1293. Acesso em: 28 ago 2024.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 ago 2024.

GONÇALVES, Josiane Peres; DE MATOS FERREIRA, Verônica Caroline; CAPRISTO, Zenaide Ribeiro Neto. Professores homens desempenham as mesmas funções que as professoras na Educação Infantil? Olhares dos gestores escolares. **Educação em Foco,** v. 21, n. 34, p. 125-145, 2018. Disponível em: https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1470. Acesso em: 28 ago 2024.

GONÇALVES, Josiane Peres; DE OLIVEIRA, Leonardo Alves. Representações sociais relacionadas aos professores homens do ensino fundamental e as inevitáveis associações às professoras. **Acta Scientiarum. Education**, v. 38, n. 4, p. 383-393, 2016. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5647249. Acesso em: 28 ago 2024.

GONÇALVES, Josiane Peres; DIAS, Érica Fernanda Moreira; SOUZA, Valdelice Cruz Da Silva. Eles são instáveis, agressivos e desnaturados ou têm autoridade, bom senso e firmeza? presença de homens no magistério e representações sociais. **Polêmica**, v. 17, n. 4, p. 044-065, 2017. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/34303. Acesso em: 28 ago 2024.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas: Alínea, 2001.

GONÇALVES, Josiane Peres; FARIA, Adriana Horta. Representações sociais de famílias sobre a atuação de homens professores com crianças de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa em Educação.** Vitória/ES, ano 12, v. 19, n. 41, 2015. Disponível em: http://www.periodicos.ufes.br/educacao/article/view/11326. Acesso em: 28 ago 2024.

(cc) BY-NC-SA

HAHNER, Juner E. A escola normal, as professoras primárias e a educação feminina no Rio de Janeiro no fim do século XIX. **Revista Gênero**, v. 10, n. 2, 2010. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/30882/17970. Acesso em: 28 ago 2024.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005. Acesso em: 28 ago 2024.

KENDZIERSKI, Mariana; PIETROBOM, Sandra R. Gardacho. **Friederich Froebel e os jardins de infância**. Anais Unicentro. Disponível em: https://anais.unicentro.br/flicenciaturas/pdf/iiv2n1/104.pdf. Acesso em: 23 mar. 2026.

MONTEIRO, Mariana Kabilius.; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de pesquisa**, v. 44, n. 153, p. 720-741, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/198053142824. Acesso em: 28 ago 2024.

MORAES, Larissa de Pinho; CAVALCANTI, Lorena Lima de Moraes (Org.). **Deslocamentos e permanências:** trabalho, educação e interseccionalidades. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

NASCIMENTO, Daniel Lima do. **Os Jesuítas e a educação no Brasil Colônia.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69907. Acesso em: 28 ago 2024.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/download/54648986/PESQUISA_QUALITATIVA_CARACTERISTICAS_USO.pdf. Acesso em: 28 ago 2024.

PESSOA, Matheus Kashiyama; GONÇALVES, Josiane Peres. Atuação de docentes do gênero masculino na Educação Especial Sul-Mato-Grossense. **Cadernos Cajuína**, v. 5, n. 3, p. 447-466, 2020. Disponível em: https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/405. Acesso em: 28 ago 2024.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896. Acesso em: 28 ago 2024.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260077, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260077. Acesso em: 28 ago 2024.

VIEGAS, Kamilla Camargo da Silva; FERREIRA Maria Clemência Pinheiro de Lima. **"A teoria de frederichfroebel e suas aproximações com a educação infantil na relação com a BNCC."** (2020). Disponível em: http://45.4.96.19/bitstream/aee/11119/1/Kamilla-

(cc) BY-NC-SA

convertido.pdf. Acesso em: 28 ago 2024.

WACHELKE, João *et al*. Caracterização e avaliação de um procedimento de coleta de dados online (CORP). **Avaliação Psicológica**, v. 13, n. 1, p. 143-146, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3350/335030683017.pdf. Acesso em: 28 ago 2024.

Submetido em: 19/08/2025 Aprovado em: 02/07/2026

KAUANY NUNES KLASSEN
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. Naviraí – MS – Brasil.
E-mail: kauany.klassen@hotmail.com

JAKELLINNY GONÇALVES DE SOUZA
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD, 2018). É pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação com interesse em temas relacionados à educação especial, educação de surdos e ensino de Libras; formação de professores e sexualidade. Campo Grande – MS – Brasil.
E-mail: jake.librasufgd@gmail.com

ELIANE APARECIDA PIZA CANDIDO
Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil (2009). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE e PPGEdu) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil. Naviraí – MS – Brasil.
E-mail: josiane.peres@ufms.br

(cc) BY-NC-SA